

YÁZIGI, EDUARDO.
**A ALMA DO LUGAR: TURISMO, PLANEJAMENTO E
COTIDIANO EM LITORAIS E MONTANHAS.**
SÃO PAULO: CONTEXTO, 2001, 301 P.

Jones **DARI GOETTERT***

É possível que lugares tenham alma? Talvez esta seja a primeira pergunta que se coloca para quem entra em contato com “A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas”, de Eduardo Yázig. A resposta é construída no decorrer das três centenas de páginas, a começar pela própria capa projetada por Antonio Kehl: nela alguém pesca, talvez uma metáfora para aquilo que se poderá “pescar” durante a leitura. Mas toda boa pesca requer uma grande dose de paixão pelo rio ou pelo mar, porque o peixe pode passar, beliscar e não ser fígado: “pescar” em “A alma do lugar” é ler sem pressa, é deixar a canoa à deriva numa viagem instigante, cheia de surpresas e provocações. Também, para ir ao encontro da “alma do lugar” é imprescindível que a nossa alma esteja aberta a passear pelo litoral norte e pela Serra da Mantiqueira paulistas.

Começemos a *viagem*. Ela tem três partes: “O território – sua história, seu retrato”; “Uma cara mais nossa”; e, “O sonho e o desejo são imortais”.

O embarque é pela *paisagem*, e ela parece querer demonstrar que todos os lugares, hoje, estão muito iguais. O autor “navega pela construção da identidade espacial” enquanto trabalho de resistência à homogeneização dos lugares, em *época* de globalização econômica. Discorre sobre a urbanização no Brasil e a partir dela já faz a denúncia de uma sociedade de poucos ricos e de muitos pobres, refletidas sobre a construção das habitações urbanas, de uns e de outros. A miséria, assim, se constitui como uma das características de todos os lugares, corroborada por um Estado não menos “miserável”, porque extremamente

* Doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, FCT/UNESP, Presidente Prudente – SP. E-mail: jonesdari@hotmail.com.

Olelita. Neste sentido, como salienta o autor, o livro passa a apresentar um duplo interesse: “no de quem vive no lugar” e no turismo. A reconstrução do lugar é pensada, assim, “no difícil dilema de escolher entre cair na mesmice da globalização ou de buscar um caminho condizente com o diálogo, com raízes territoriais e culturais” (p. 19): a segunda opção é a companheira de viagem de Eduardo Yáziqi.

O recorte espacial privilegia as cidades de Ubatuba, Caraguatatuba, São Sebastião e Ilhabela, do litoral norte paulista, e as cidades de Campos do Jordão, São Bento do Sapucaí e Águas de Lindóia, da Serra da Mantiqueira: litoral e montanha para a definição de parâmetros ao planejamento turístico, com concentração na esfera pública dos espaços. Cultura e sociedade podem alterar o território, por isso é pensada dialeticamente a relação entre planejamento e sociedade. E a alma começa a se fazer aparecer a partir da busca do entendimento da “construção da personalidade do lugar”: “Alma são materialidades, práticas e representações com uma aura que se contrapõe ao que chamaríamos “desalmado”. Não creio que possa ser entendida por processos lógicos. Há alma quando há paixão das gentes pelo lugar. A alma orbita além da ciência, e tem de ser entendida num plano mais elevado que o formato acadêmico” (p. 24). Ciência e poesia, portanto, devem se mesclar na busca da “alma dos lugares”, de sua identidade e fantasia, porque, reportando-se a John Barrow, nenhuma explicação não-poética da realidade pode ser completa.

O autor navega pelo conceito de lugar, buscando ampliá-lo. Cultura e personalidade, identidade, geografia física, “espaço vivido”, “sentimento de *pertença*”, paisagem, arquitetura, simbólico, memória e “modos de vida” são atributos que caracterizam a alma do lugar - lugar que existe apenas com a reunião de vários aspectos. Dentre eles, a geografia física pode ser o fator mais estável na definição da “essência do lugar”. Nesse sentido, “a personalidade do lugar se apóia num amplo conjunto de identidades – história; costumes; arquitetura; urbanismo com suas ruas, barrancos e bocas malditas; detalhes e adornos; tipos humanos e suas relações com o meio e a região; pertença; formas lingüísticas; mitos; fantasmas e aparições da santa; esconderijos; sons específicos; astral; segredos e todos diferenciais próprios do meio ambiente (relevo,

hidrografia, fauna, flora, clima, luminosidade etc.). Ainda que dois lugares possam ter os mesmos ingredientes, a disposição de suas formas pela comunidade produz algo necessariamente diferente. É quando a ordem dos fatores altera o produto. Homem apaixonado pelo meio cria a alma do lugar” (p. 45). Os lugares, por isso, são diferentes: e o turista busca sempre um meio diferente do seu.

Na primeira parte, ainda, o autor discorre sobre a *praia* e *montanha*, em “Quem é este, de frente salgada, de costas corcundas, cobertas de matas?” e, “Quem é esta, vestida de verde, onde nuvens descansam e florescem pinhões?” Inicia, para ambas, do meio geográfico para o povoamento, o folclore, a arquitetura e o urbanismo, priorizando sempre a relação cotidiano-turismo. Sobre a praia, ou litoral, discorre por *suas* cidades com um domínio fascinante, entrelaçando dados físico-geográficos com representações dos lugares, como “Ubachuva” para Ubatuba, em função do alto índice pluviométrico do lugar: é altamente perceptível, por isso, o acúmulo de vivência e experiências que Eduardo Yáziqi adquiriu dos/nos lugares que analisa. A história de cada lugar é resgatada com maestria: a origem indígena, a participação da *vida* colonial, o caipira (o caipira do litoral), a arquitetura vernacular, a lenda que deu origem a São Bento do Sapucaí (os três irmãos transformados em pedras, hoje turísticas), a urbanização e arquitetura ao estilo “Branca de Neve” das *montanhas*, a pobreza e a miséria ao lado da “alpinização” de Campos do Jordão, as toponímias...

Mesmo percorrendo separadamente sobre cada um dos lugares do litoral e da montanha, o texto mantém uma unidade de análise importante, o que permite ao autor, após discutir “Como andam os trâmites” (“um balanço dos principais diplomas e planos de franca adoção, cujas referências afetam a personalidade do Lugar”), apontar a necessidade de um planejamento não apenas municipal, mas principalmente regional. Assim, se por um lado salienta que “é o cidadão e não o teórico que constrói a alma” do lugar, por outro ressalta que “Sem tradição planejadora, tão logo o Brasil começa a se organizar para o turismo, acaba abortando uma possível identidade. Nem dá mais tempo de as pessoas se encantarem com o lugar. Enquanto as pessoas não se

ligarem ao chão, como sugere Jung, o lugar se coisifica como terra de ninguém” (pp. 155 e 156).

Na segunda parte, “Uma cara mais nossa”, distribuída em três capítulos (“Natureza: a nova pedra angular”, “Da natureza ao desenho urbano” e “A parte e o todo”), Eduardo Yázigi inicia destacando a primazia da geografia física – mais estável –, tanto para a Serra da Mantiqueira quanto para o litoral, mesmo que com expressão bem menor na paisagem construída. Aqui, ainda mais, enfatiza a necessidade de um planejamento em “nível multi-municipal”: “o planejamento só tem alcance e eficácia se for regional, do mesmo modo que a identidade só se sustenta com referenciais que chegam até a escala nacional”, em especial porque “Uma possível ordem natural já é parte do imaginário cotidiano, turístico e não turístico, do litoral e das montanhas” (p. 175). Daí aponta para a “identidade fisiográfica” e a “identidade ecológica”, sem deixar de se reportar para a dimensão simbólica como aspecto inseparável da vida que dá sentido ao espaço cotidiano, que também expressa uma relação identitária com a natureza. Aborda ainda o papel das reservas, a “estepização” das montanhas, as vertentes “procuradas” pelos pobres, a ênfase para o espaço público dos lugares, a combinação relevo-flora-arquitetura, o papel do poder público e de particulares no regramento arquitetônico, dentre outros.

Cabe destacar, também, sobre o último capítulo da segunda parte (“A parte e o todo”), a ênfase que Eduardo Yázigi dá às identidades grupais sobre os lugares. Critica a ânsia de alguns segmentos em conservar certas identidades antigas, o que equivaleria mantê-las na miséria; simultaneamente, no entanto, não deve-se deixar de “buscar um desenho que reflita o pluralismo cultural”. Destaca a importância do conhecimento técnico para a manutenção das identidades: “considerando a falta de preparo das periferias em práticas construtivas, é justamente aí que se torna necessário centrar o mais importante da assistência técnica: não só gratuita, facilitada, como também linhas especiais de financiamento, especialmente para cooperativas devotadas a própria emancipação” (p. 238), com ênfase, inclusive, no papel que desempenham, e podem vir a desempenhar, as associações não governamentais: agremiações ambientalistas, associações de moradores

e sindicatos. Destaca ainda a importância poética do lugar dada pela música, pela palavra, pelo artista, uma vez que um “técnico-burocrata jamais entenderá o que possam ser ritmo e musicalidade do lugar, nem o *tchan* que faz sua alma” (p. 247). A participação e inclusão de todos, e de seus projetos, é fundamental: “o reconhecimento do outro”.

A última parte é a mais breve, mas nem por isso menos fascinante (com dois capítulos: “Devaneio e crítica” e “Terminando: onde há uma vontade, há um caminho”). Ressaltando que cotidiano e turismo mesclam-se nos lugares, discorre, brevemente, sobre o espetáculo e a fantasia, desde o Homem de Neanderthal até o *homo sapiens sapiens*, com destaque para a ênfase psicológica. Por outro lado, faz a crítica ao clichê turístico apontando que “o adorno era muito mais corrente em velhos tempos do que em civilizações industriais e capitalistas. Nestas, aliás, o desejo do lucro fácil, colocado em primeiro plano, não pode perder tempo com essas minúcias que tanto deleitam as pessoas comuns” (p. 267). Não faz com meias palavras a crítica às cidades desprovidas de sentido, ao “fabuloso culto ao feio”, ao mundo sem amor e sem beleza, aos lugares de vida triste, ao maniqueísmo que julga todo turista um imbecil... Mas também sem meias palavras, encerra o texto exalando poesia: “Falar de alma é falar de uma construção, pois ela não nasce pronta. Construir civilização significa trabalhar em todas as frentes que significam um amanhã melhor em tudo. *Dostoievski situa-se entre os autores que foram mais longe na psique humana e na profundidade das coisas, não podendo, nem brincando, ser taxado de superficial. Este homem acreditava que o mundo seria salvo pela beleza. Qual seria toda a extensão deste pensamento?*” (p. 293).

É importante destacar, ainda, que todo o texto é permeado por *grandes lances* de ordem teórica e metodológica, seja sobre a Geografia, seja sobre o Turismo. Os *lances*, sobretudo, surgem recheados com uma poesia que faz da leitura uma *viagem* por lugares fascinantes e que, se não os conhecemos, indicam o planejamento de nossas próximas férias! Um planejamento que se acentua pelo importante material iconográfico presente no livro (mais de 50 fotos), a maioria delas de autoria de Eduardo Yázigi.